

A etnografia das ruas: notas sobre estudar e ser estudado*

Tobias Hecht**

Resumo: Passeando entre as notas e as lembranças de dois períodos distintos de trabalho de campo, este ensaio "impressionista" trata da dinâmica em mudança de uma relação de pesquisa com crianças de rua. Em 1992-1993, conduzi trabalho de campo para uma dissertação sobre crianças de rua no nordeste brasileiro. Retornando à região seis anos mais tarde, descobri que a maioria das crianças estudadas apenas uma fração de geração antes estavam então mortas. Estas anotações enfocam minhas conversas com um dos sobreviventes e com quem (e sobre quem) estou agora escrevendo uma biografia. Esse esforço colaborativo, voltado de certo modo a reconsiderar as implicações éticas da pesquisa com crianças que levam vidas violentas e vulneráveis, levanta uma gama de novos desafios éticos, alguns dos quais inteiramente imprevistos.

Abstract: Shifting back and forth between the notes and recollections of two distinct periods of fieldwork, this impressionistic essay engages with the changing dynamics of a research relationship with street children. In 1992-1993, I conducted fieldwork for a dissertation on street children in Northeast Brazil; upon returning to the region six years later, I discovered that most members of the generation I had studied just a fraction of a generation ago were by then dead. These notes focus on my conversations with one member of the generation that did survive and with whom (and about whom) I am now writing a biography. That collaborative effort, aimed in some sense at reconsidering the ethical implications of research with street children, in turn, raises a host of new ethical challenges, some of them wholly unanticipated.

* Versão em português (do original em inglês) por Cyana Leahy-Dios.

** Tobias Hecht, PhD em Antropologia, é autor de *At Home in the Street*, estudo etnográfico de crianças de rua no nordeste brasileiro. Bolsista do U. S. National Endowment for the Humanities, pesquisa e escreve sobre a história da infância na América Latina.

1º de agosto de 1999
Recife, Nordeste do Brasil

Desta vez ela está sentada à margem do Rio Beberibe, sobre um monturo de entulho. Às suas costas, sob um poste que ilumina o terreno abandonado, Bianca faz crochê. Mas ainda não sei disso, ainda a procuro.

Volto à margem do rio porque foi lá que, há duas semanas, com a ajuda de um amigo que trabalha com crianças nas ruas, eu a tinha visto da última vez. Ao nos aproximarmos, meu amigo parou, gritando e gesticulando para Bianca vir até nós. Virou-se para mim e disse, como se pedindo desculpas, que "os caras que estão com ela são uns chatos". Na verdade, mais que desagradado, eles lhe davam medo.

Estou sozinho desta vez. Sábado à tarde, hora em que os homens, em suas casas escurecidas por persianas, fazem a sesta após o almoço e várias cervejas, enquanto as mulheres, lânguidas e resignadas, acabam de lavar a louça, antes de também cair no sofá ou na rede. Enquanto caminho pela solidão do começo da tarde na Rua da Aurora (uma ironia), me sinto deslocado como um objeto estrangeiro.

Um homem se levanta e olha pela janela para o que já foi um prédio um dia, para a fachada decadente. Do térreo, seu teto acaba no céu. Emoldurado pelo verde que brota por todo canto da cidade ainda não asfiriado como asfalto, o homem me observa sem muito interesse, mas com alguma insistência, os olhos pesando em minhas costas enquanto atravesso a avenida. Paro um pouco entre as pedras do canteiro central. Olho para os lados, não há carros à vista. Continuo andando até o terreno baldio onde o mato cresce entre os vãos do calçamento antigo, e os cacos de vidro se misturam aos seixos da praia. O ar está pesado, um esgoto corre a céu aberto, rio adentro. Sinto outro odor. Viro de lado e percebo um fogo de lenha. Um homem de idade indefinida está sentado num toco. A mulher, barriga pesada de criança ou inchaço, tem o cabelo desganhado e arrepiado, e cuida do fogo.

Voltando-se para mim, antes que eu possa falar, o homem me pede dinheiro, desvelando o rosa pálido das gengivas sem dentes. Nem espera eu mentir que não tenho nada: me pede droga, bebida, cigarro, em ordem decrescente.

Quando digo que procuro Bianca, vejo a mudança em seu rosto. Pára de pedir coisas, pára de falar. Desvia o olhar. De minha parte, continuo inutilmente esperando uma resposta.

"Você a conhece?" pergunto finalmente. O homem olha de novo para mim mas não responde. "Ela fica por aqui às vezes", respondo a seu silêncio. "Eu a vi aqui ainda há pouco."

"Como ela é?", pergunta com desinteresse estudado.

"É travesti, tem o cabelo até aqui." E mostro meus ombros.

"É *pobrema*?", ele pergunta desconfiado, e não sei o que pensa de mim. Imagino os olhos do homem atrás de mim, do outro lado da rua, grudados em minhas costas. "Por que quer falar com ela?"

Entendo, de repente, que ele pensa que sou um cliente.

"Só quero falar com ela", e meu resmungar revela o absurdo da verdade.

Ele pensa por um momento, dá de ombros, e então lentamente olha para o poste de iluminação. Há uma sombra sentada no monte de entulho. "É ela".

*

Conheci Bianca há uns sete anos. Naquela época eu conduzia uma pesquisa sobre crianças de rua para minha tese. Minhas anotações dizem que foi no dia 18 de janeiro de 1993 que a vi na rua. Já nos conhecíamos de vista e eu queria entrevistá-la para minha pesquisa. Ela estava sentada no meio-fio de um beco cheirando a urina, do lado da igreja. Pensei em perguntar se preferia conversar em outro lugar, mas ela não levantou o olhar nem retribuiu meu cumprimento. Sentei ao lado dela. Ela costurava alguma coisa, eu não sabia o quê. Disse-lhe que gostaria de entrevistá-la para um estudo. Seu cabelo (preto, sujo, seboso, mais tarde escrevi em minhas notas de campo) cobria o rosto e separava nossos olhares. Finalmente, suspirando com aparente indiferença, ela disse, com ar acusador "Vai, pergunta. Eu sei responder".

E respondeu às perguntas. Tinha dezessete anos. Aos nove foi estuprada pelo padrasto, e fugiu de casa, indo parar nas ruas do centro da cidade, onde se prostituiu. Falou sobre drogas, os amigos de rua, a violência da polícia, o tempo passado na FEBEM. A voz era sucinta, zangada e controlada, mas os olhos permaneciam atentos à agulha que abria caminho pelo que parecia um tapete. Ela sabia responder, e respondia com desconcertante indiferença. Sem ter mais o que perguntar, vi que ela me olhou nos olhos pela primeira vez, explicando que apareciam muitos pesquisadores, contando que já havia sido mostrada como curiosidade na televisão, nos jornais, até mesmo num vídeo sobre crianças de rua. E, apesar de toda aquela atenção, ela continuava morando na rua.

Bianca e eu não chegamos a nos conhecer bem naquele tempo, mas nunca esqueci nossa primeira conversa. Percebi que ela tinha entendido, de maneira intuitiva ou vívida, as ironias que tanto tempo levei para apreender. Enquanto eu precisava das crianças para minha pesquisa que era, afinal, sobre suas vidas, elas pouco de mim precisavam, vendo meu trabalho até mesmo como um certo voyeurismo sensacionalista. No início da década de 1990, as vidas violentas e violentadas de jovens como Bianca, combinadas à intensa porém fugaz preocupação internacional com sua situação, eram uma imagem conhecida no mundo inteiro. Era difícil, porém, aferir os benefícios daquela atenção.

1º de agosto de 1999 (continuação)

Bianca e eu caminhamos juntos margeando o rio em direção à Praça Tortura Nunca Mais. Ela cambaleia um pouco. De início pensei que estivesse drogada, mas acho que está mesmo com sono. Fico na dúvida. Passamos pelo improvisado campo de futebol onde meninos descalços perseguem uma bola suja. Passamos por trás de um posto de gasolina, fora do campo de visão dos prédios de apartamentos do outro lado desta parte da Rua da Aurora, que me dão uma sensação de segurança.

Na Praça nos sentamos à meia sombra da enorme figura do homem pendurado em posição fetal invertida. É o pau-de-arara, usado durante a ditadura, e ainda hoje pela polícia.

Tento explicar que desta vez estou passando meio ano no Brasil e tive a idéia de escrever um livro sobre sua vida. Não sei bem como dizer. Resolvemos nos sentar.

Finalmente ela se vira para mim e fala, "Você quer saber porque vim morar nas ruas, sobre prostituição, sobre homossexualidade, sobre a violência na rua, certo?" Que estranho, penso para mim mesmo; porque até então eu não havia pensado que prostituição ou homossexualidade seriam temas importantes. A questão maior me parecera entender o que havia acontecido com sua geração.

Ela continua, "Acho que vou ter que encher dois cadernos, não é?" Outra surpresa, pois não me ocorrera que ela soubesse ler e escrever. Digo que seria ótimo, e que também poderíamos fazer entrevistas.

Pergunto se ela gostaria de ser entrevistada agora. Ela concorda, e ligo o gravador; Tento algumas vezes, pedindo que me conte as lembranças mais antigas da infância. Há uma pausa constrangida e depois ela olha para mim e diz, "Então começo com meu nome, meu nome masculino?"

Digo que não há uma ordem estabelecida, que siga a seqüência que quiser, mas reconheço que ela está certa, deve haver um padrão, um *modus operandi*. E assim, ela dá seu nome masculino, e me conta a história do estupro pelo padrasto, a mesma história que me havia contado sete anos antes, o acontecimento que, mais do que seu nascimento, parece dar início à sua vida. Foi o estupro que a levou à vida nas ruas; a memória anterior a isso se limita a fragmentos esparsos do inútil sofrimento dentro de casa.

*

No período em que estive fora do Brasil, até voltar no segundo semestre de 1999, tive notícias das crianças que eu havia conhecido no início da década: muitas haviam sido mortas, outras estavam na prisão ou em manicômios, e algumas ainda continuavam na rua, em condições piores. Depois de alguns anos recebendo somente notícias trágicas, e sem ter a quem pedir informações, parei de perguntar. Mas de volta a Recife me deparei com a realidade: a geração que eu estudara havia sido dizimada em sete anos. A palavra "dizimada" é branda demais, pois seu significado literal é o extermínio da décima parte de uma população. Até onde pude avaliar, a maioria dos membros daquela geração estava morta em apenas uma fração de geração.

O confronto com a morte e com as implicações éticas de traduzir em dissertação e livro os traumas emocionais e a opressão física e econômica das crianças levantava questões angustiantes. Definir meu papel – entre os extremos de ser observador positivista, distante, e atuar como um cruzado – exigia o equilíbrio de impulsos barbaramente conflitantes.

Por um lado, esperar que minha presença e intervenção estrangeiras, durante um ano, fosse melhorar radicalmente as vidas das crianças na rua era um pequeno ato de imperialismo. Por outro lado, as crianças que eu estudava passavam fome, eram vítimas de tortura pelas mãos da polícia, dormiam sem muita certeza de que estariam vivas na manhã seguinte, sobrevivendo numa espiral decrescente de violência autodestrutiva que pesava em suas vidas, e as encurtava. Não seria um ato de violenta indiferença resignar-me a somente observar sua existência diária?

À medida que o tempo passava, as contradições éticas ficavam mais aparentes para mim; e eu pensava em agir, entendendo, entretanto, que elas talvez não tivessem solução. Voltei a Recife em 1999 para uma pesquisa bastante diferente, agora sobre o papel das crianças na economia do lar. Mas o retorno ao nordeste me fazia reavaliar a primeira experiência.

Embora nunca pensasse em encontrar as crianças que conhecia, quando tomava o ônibus para atravessar a cidade, ou quando caminhava, eu me pegava procurando por elas, ainda que furtivamente e a contragosto. Da outra vez, via crianças penduradas nos ônibus, dando uma volta que era ao mesmo tempo transporte gratuito e diversão. Havia agora os mesmos ônibus perigosos, trafegando com pneus carecas pelas curvas e avenidas, mas não se viam mais crianças penduradas. Em minha vizinhança, prédios haviam sido construídos nos terrenos baldios onde elas antigamente se reuniam. O prédio para onde me mudei fora construído onde antes havia uma casa abandonada, e em cujas paredes um menino chamado Ronaldo desenhava com giz. Ronaldo passava os dias com um grupo de meninos que cheguei a conhecer bem: Charles, Boquinha, Elvis, Bafu, Buiú, Jalbe, Marconi e Fábio, entre outros. Absurdamente, eram meus vizinhos, eu morando no apartamento, eles nas ruas.

As marquises sob as quais eles dormiam agora estavam vazias, ou ocupadas por adultos sem teto ou crianças desconhecidas. Eu misturava o sentimento da ausência das crianças que me haviam trazido a Recife da primeira vez à sensação de reencontro com o clima da região (a umidade amenizada pela brisa do mar), as ruas estreitas e os cheiros característicos. Meus amigos continuavam reclamando veementemente da economia e dos políticos corruptos. Tudo contribuía para uma sensação de familiaridade e estranhamento.

Semanas após minha chegada, eu caminhava para casa numa manhã quente, quando alguém me chamou. Me virei e olhei. Era um rapaz bem jovem. Parado ali, sem camisa, sem sapatos e sem dentes, tinha um sorriso surpreso e divertido nos lábios. Retribuí o olhar. Ele repetiu meu nome. Eu apertava os olhos por causa do sol e da incredulidade. Só podia ser meu antigo vizinho sem teto, Fábio. Quando fui embora, era um adolescente grande, alto e saudável.

De pé ali, olhando um para o outro depois de tantos anos, eu não sabia bem o que dizer. Perguntei pelos amigos. E ele me contou: Ronaldo, o futuro artista, tinha sido atropelado e morto por um ônibus logo ali adiante; Boquinha, Charles e Jalbe também haviam sido atropelados: Boquinha ficou aleijado e (Fábio girou o indicador perto da orelha) enlouqueceu. As vísceras de Charles ficaram penduradas para fora, mas ninguém sabe como, ele sobreviveu, e agora empestiava a vizinhança toda com a bolsa de colostomia. No acidente, Jalbe quebrou uns ossos, ficou manco e cheio de cicatrizes, mas estava bem. Bafu morreu assassinado, Buiú também, e Marconi. Mal do nome, ninguém sabia o paradeiro de Elvis, já fazia algum tempo.

Eu não tinha mais perguntas.

"Você voltou para conversar com a gente?" Fábio reagiu a meu constrangido silêncio.

"Sim", eu disse, sabendo que mentia. Pois o "a gente" da pergunta de Fábio não mais existia.

Eu era então o involuntário arquivista dos mortos, aquele que nas fitas cassete, nas fotografias, tinha guardados seus últimos registros físicos.

*

Bianca e eu começamos a nos encontrar regularmente para as entrevistas, quase sempre na Praça Tortura Nunca Mais. Começou a escrever observações sobre sua vida cotidiana na rua num caderno que lhe dei; líamos e discutíamos essas anotações em cada encontro. Apesar de nunca ter ido à escola, ela era autodidata, aprendera a ler sozinha estudando as placas e anúncios, e catando revistas e livros no lixo. Seu livro favorito era a biografia da alemã Cristiane F. Deilhe de presente a autobiografia de Rigoberta Menchú, que discutimos juntos, e depois as memórias da catadora de lixo de São Paulo, Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*.

Duas semanas depois que começamos a trabalhar juntos, sugeri que Bianca entrevistasse sozinha as pessoas que lhe ajudavam, crianças da rua, colegas prostitutas e quem quer que encontrasse no dia-a-dia. Ofereci o gravador emprestado. Relutando de início, ela temia ser roubada com o gravador sozinha na rua, uma responsabilidade muito grande. Em nosso encontro seguinte, voltou com uma entrevista minuciosamente escrita sobre a vida de uma jovem prostituta. E então, Bianca disse ter mudado de idéia, e que queria usar o gravador. Começou a fazer entrevistas, primeiramente com pessoas que lhe davam ajuda ou conhecidos da rua. Ouvíamos juntos e discutíamos, concentrando-nos especialmente nas táticas de encorajamento para deixar os entrevistados à vontade.

4 de setembro de 1999

O sentido de tempo de Bianca lembra certas passagens do Velho Testamento, em que mulheres dão à luz aos 96 anos de idade e homens vão à guerra aos 127. Se somarmos todos os eventos e a quantidade de tempo atribuída a cada passagem, Bianca viveu várias vezes seus 24 anos. Ela descreve um tempo de espera por alguém num cruzamento como tendo sido de muitas horas, embora os ponteiros do meu relógio tenham avançado somente 15 minutos. Ela é uma das poucas pessoas pontuais que conheci no nordeste do Brasil, o que consegue, muitas vezes, adiantando-se muitas horas, às vezes chegando ao meio-dia para um encontro no final da tarde. Mas hoje Bianca não veio.

Espero impacientemente na tarde quente da Praça estranhamente deserta. A maré baixa esvazia o rio, deixando o pântano do mangue exposto. O cheiro de esgoto me alcança. Não trouxe nada para ler e não tenho com quem conversar. Quando o sol baixa e a maré começa a subir, ainda não há sinal de Bianca. Começo a caminhar na direção do ponto de ônibus. No caminho encontro um travesti chamado Cigana. Ele me conta que Bianca foi esfaqueada na noite anterior e que o sangue esguichava de sua boca. Uma mulher de um dos prédios próximos a levou ao hospital. Pergunto se ela sabe para onde a levaram. Ela sugere o Restauração, o principal hospital de traumatologia de Recife. Melhor perguntar à pessoa que a levou, e então atravesso a rua e entro no *foyer* de um prédio onde falo pelo interfone com Dona Rebeca, a dona de casa que compra comida para os cachorros de Bianca. Dona Rebeca não soube do acidente e eu tento Dona Maria, que sempre dá café da manhã a Bianca. Ela tampouco sabe, e então me dirijo ao Restauração. Percebo que esqueci o nome civil de Bianca quando chego à emergência mas, para minha surpresa, a natureza do incidente e a hora aproximada em que ela deve ter chegado ao hospital são suficientes para saber que Bianca realmente havia dado entrada. Alguns telefonemas depois, a secretária me informa que Bianca havia sido operada na noite anterior e que está internada num quarto do quinto andar. Quero visitá-la, mas o horário de visita acabou, agora só amanhã.

Vou para casa pensando se o gravador que emprestei a Bianca pode ter sido, de algum modo, responsável pela briga. Talvez eu devesse esquecer a biografia e tentar, ao invés disso, achar um lugar para Bianca morar.

5 de setembro de 1999

Quando volto ao hospital no horário de visitas testemunho um bate-boca inflamado entre o segurança e um visitante impedido de entrar no hospital por estar de bermuda. Mais de cinquenta pessoas no saguão esperam os passes de visitantes; quando chega a hora, a multidão subitamente se junta como onda ameaçadora. Lá em cima outra fila ainda maior espera. O período de visitas dura duas horas, três dias na semana. Quando consigo finalmente chegar ao quarto onde Bianca estava em recuperação, fico sabendo que ela já teve alta.

8 de setembro de 1999

Apesar de procurar Bianca à noite nos últimos dias, ainda não vi sinal dela nas ruas. Mas hoje estou com sorte. Esperei menos de meia hora quando a vi chegar mancando. Ela me mostra a cicatriz de 10 centímetros: abriram seu abdômen para ver se tinha havido algum estrago interno, um corte doloroso sem risco de vida. E me conta que antes da anestesista aplicar a anestesia geral em sua barriga e local na veia, Bianca pediu para reler as etiquetas nos frascos. E conversou com um rapaz, um dos sete pacientes da enfermaria, que havia levado dezesseis tiros do pai e que provavelmente ia ter que amputar a perna. Diz, se desculpando, que sua maior preocupação durante tudo isso era o gravador, que não teve nada a ver com o incidente. Um sem-teto havia tentado estuprá-la enquanto ela lavava roupa no rio. Quanto a encontrar um lugar para ela morar, Bianca já tinha tomado a dianteira, e arranjado para ficar, por enquanto, com uma mulher pobre e sua família numa favela da cidade.

Por causa da estranheza que Bianca e eu provocávamos juntos – um travesti anotando num caderno e um estrangeiro com uma bolsa verde (para o gravador) e chapéu preto (para o sol) – nos tornamos uma espécie de imagem curiosa na paisagem urbana. Andando juntos para o ponto de ônibus recebíamos olhares hostis, e motoristas freqüentemente gritavam e faziam gestos para nós. Uma vez tentamos tomar uma bebida num bar de rua e nos disseram, incredivelmente, que não havia cerveja. Quando dissemos que nenhum de nós havia pensado em pedir cerveja e falamos em outras bebidas e aperitivos, nada estava disponível, embora todos os outros clientes estivessem aparentemente consumindo o que queriam.

Carregar o gravador, gravar entrevistas, receber um salário,¹ além da perspectiva de publicar um livro, eram fatos que exerciam uma inicialmente súbita, e depois dramática mudança em Bianca. Apesar de meu repetido aviso de que publicar um livro dependeria do tipo de material que produzíssemos e levaria, de qualquer modo, muito tempo e alguma sorte, nada disso desanimava Bianca: contava a todos os seus conhecidos sobre o livro que estávamos escrevendo, redefinindo, com isso, seu papel nas ruas.

¹ Inicialmente paguei por cada entrevista conduzida por Bianca o que então correspondia a um salário-mínimo mensal, complementado por vários pagamentos emergenciais.

1º de outubro de 1999

Embora rejeite a idéia de ser objeto de estudo por pesquisadores e jornalistas, quando se trata de entrevistar os outros, Bianca segura as rédeas da autoridade etnográfica com surpreendente élan. Hoje nos encontramos na área da Faculdade de Direito, no centro da cidade. Sentada num banco de cimento à sombra, distraidamente folheando uma revista de moda feminina e comentando as diferentes variedades de beleza feminina, Bianca começa a voltar a fita que gravou para mim noites atrás. No início não entendo, ou talvez não queira entender, mas os gemidos e as expressões entrecortadas que ouço foram gravadas durante um "ménage à trois" entre Bianca, outro travesti e um cliente. Enquanto a fita roda, percebo uma senhora idosa sentada adiante, se esforçando para ouvir. Alternadamente diminuo o volume para que o som não alcance o outro banco, e então aumento de novo, para tentar entender. Ela parece rejeitar minhas exortações constrangidas contra o que insisto ser um método perigoso e eticamente problemático. Bianca não acredita que haja qualquer perigo nisso, porque o gravador estava bem escondido (quem suspeitaria de estar sendo gravado numa hora dessa?). Quanto à ética, imagino que estou descobrindo a percepção particular de Bianca do que seja a antropologia.

Com o tempo, Bianca começa a reclamar por ser rejeitada pelos outros travestis na avenida onde trabalha. Acreditando que ela está para publicar um livro, não a querem por perto. Isso me preocupa, pois ainda que o livro um dia seja publicado, é pouco provável que lhe renda muito dinheiro. De qualquer forma, ela estava sendo rejeitada por seus próprios pares. Ainda assim, Bianca quis continuar trabalhando (usando suas palavras) "como paparazzi", fotografando secretamente outras prostitutas à noite enquanto se ofereciam aos clientes.

Algo mudou na dinâmica da pesquisa e dentro da vida de Bianca na rua. Ela era sensível e se ofendia com os xingamentos recebidos no centro da cidade, algo com que convivera a maior parte de sua vida, e que não acontecia com tanta frequência. Na verdade, parecia ocorrer mais quando estávamos juntos do que quando ela estava sozinha. Comecei a perceber que, quando andava sozinha, por exemplo, para comprar cigarros num quiosque, sua presença mal chamava a atenção. Juntos, éramos a combinação do estrangeiro e do travesti local. Eu era apenas um estrangeiro visitante, e, à distância, Bianca passaria por mulher, com seu estilo provocante de vestir comum à maioria das mulheres em Recife. Mas chamávamos a atenção mutuamente, eu para ela e ela para mim.

Minha própria presença na vida de Bianca tinha, sem dúvida, alterado a vida que estávamos estudando, sua relação com seus pares; recebemos ameaças vagas da parte dos exploradores de sexo com travestis, enciumados e temerosos da possibilidade de Bianca se tornar tema de livro. Nas próprias entrevistas com colegas, as perguntas feitas a ela eram as mesmas que haviam sido feitas a mim, anos antes, quando eu pesquisava para minha dissertação. Eu havia esperado, em vão, que aquelas perguntas não surgissem num projeto colaborativo. Os entrevistados por Bianca queriam que ela prestasse conta dos benefícios que teria através da manipulação da imagem deles. Agora, mais do que responsável por esse projeto, ao delegar as dificuldades de autoridade etnográfica para Bianca, eu me havia tornado um mero cúmplice. Sete anos depois de minhas perguntas iniciais e desajeitadas, agora era a vez de Bianca ouvir o mesmo – através de seu olhar receoso, sua indiferença estudada – que ela um dia me perguntara: "o que você vai ganhar me estudando"?

22 de outubro de 1999

Hoje é aniversário de Bianca. Meus dois amigos que trabalham com crianças na rua se juntam a nós para comemorarmos. Vamos de carro para um local distante alguns quilômetros do centro, uma área que Bianca geralmente não frequenta. Talvez por sermos um grupo de quatro em que três não são travestis, nos deixam sentar na varanda do restaurante. Na esquina ao lado do restaurante há duas prostitutas, um travesti e uma moça. Bianca me leva até lá para as conhecer e, para minha surpresa, elas já sabem quem sou e sabem do livro. Bianca já lhes contou de nosso trabalho, e de repente me sinto o objeto-fetice de estudo, a evidência exótica de que a história de Bianca sobre um livro de sua vida é de fato real.

Meus amigos perguntam a Bianca sua idade. Descrente, ela responde que está fazendo 24. Acho que a descrença se deve à admiração humana geral pela redescoberta de que o tempo, não importa como o medimos, passa sempre muito depressa. Mas estou errado. Ela explica que nunca imaginou que fosse viver tanto.

Bianca conseguiu sobreviver à maioria dos membros de sua geração, deixou de ser uma criança de rua para se tornar um adulto sem teto. E irá às vezes expressar o tipo de culpa de que sofrem sobreviventes do Holocausto, divididos entre o triunfo sobre a morte e a dor permanente de testemunhar tantas mortes ao seu redor. Mas Bianca pode também estar satisfeita por tentar representar sua vida, escrevendo em sua peculiar versão fonética do vernáculo, capturando sua voz e muitas outras no gravador, deixando um rastro de si mesma em um mundo que ela carrega precariamente, e que agora estuda.